

EXPANSÃO DA AGROINDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA: NOVA CONFIGURAÇÃO PARA SÃO PAULO

Alceu de Arruda Veiga Filho

Economista, PqC do Pólo Regional Centro Sul/APTA

alceu@apta regional.sp.gov.br

A agroindústria sucroalcooleira é um dos principais segmentos econômicos a colaborar com o dinamismo da economia brasileira neste período inicial do século XXI. Mantém participação acima de 30% no mercado internacional de açúcar, com receita de US\$2,64 bilhões Fob em divisas em 2004. Também possibilitou ao Brasil ser um dos dois países maiores produtores de álcool, com exportações de 2,2 bilhões de litros em 2004, US\$ 520 milhões Fob¹. O valor adicionado do açúcar e do álcool à produção da matéria-prima é de 60%, distribuído em salários, juros, lucros e outras rendas, conforme estimativa do PIB dessa agroindústria para 2004, e representa participação de 2% no PIB da economia paulista².

Na estimativa do valor da produção da agropecuária de São Paulo, para 2004, a cana-de-açúcar supera todas as principais atividades na comparação individual, sendo responsável por gerar quase 30% dessa renda bruta. O valor de R\$7,7 bilhões da cana-de-açúcar somente perde para o conjunto dos produtos animais (carnes, leite, ovos), estimado em R\$8,3 bilhões do total de R\$27,07 bilhões. E assemelha-se ao total do valor da produção dos grãos e fibras, com R\$ 3,5 bilhões; frutas frescas, R\$2,9 bilhões; e olerícolas (legumes, verduras e raízes de mesa), R\$1,4 bilhão³.

Na safra 2004/05, a cana-de-açúcar para indústria ocupou 3,52 milhões de hectares em São Paulo e produziu 244,5 milhões de toneladas. Isso significa a geração de demanda de 247 mil postos de trabalho somente na atividade agrícola, considerando a estimativa de 7,01 ocupações a cada 100 hectares⁴, algo equivalente a 23% da população trabalhadora na agricultura paulista em 2004, ou 1,058 milhão de pessoas⁵.

Novos mercados e novas possibilidades

As perspectivas mais promissoras para os mercados de açúcar e de álcool projetam condições de crescimento sustentado para os próximos anos. No mercado interno, a maior demanda por álcool vem sendo alavancada pelas vendas crescentes de veículos bi-combustíveis. Em julho de 2005, elas atingiram a participação de 58,9% do total de vendas de veículos leves (nacionais e importados), superando, desde maio, a venda de veículos a gasolina no mercado nacional⁶.

Conta, também, com o surgimento de novo mercado representado pela utilização de álcool na produção de bio-combustível, em substituição a derivado de petróleo. No futuro, além disso, poderá surgir outro mercado, a viabilizar-se a rota tecnológica que substitui álcool pela gasolina no processo de produção de hidrogênio em células de combustível⁷.

Pelo lado da demanda de álcool no mercado externo, as potencialidades são grandes. É o que demonstra o crescimento verificado nas exportações de álcool, muito embora não se possa garantir a sustentabilidade dessa nova demanda, a não ser que se consiga conquistar participação em países importadores, como o Japão⁸.

No caso do açúcar, cujas exportações nos últimos anos abrangem em média a metade da produção, pode se considerar que o dinamismo decorre do mercado internacional, apesar da volatilidade de preços. O mercado interno depara-se com uma demanda que cresce historicamente a taxas vegetativas.

Impactos de vulto, a médio prazo, devem surgir do exterior, como os cenários que se desenham a partir das vitórias conseguidas pelo Brasil nos contenciosos apresentados à Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os subsídios à exportação de 1,6 milhão de toneladas de açúcar branco, dados pela União Européia (EU). O mesmo vale para aquele relativo aos subsídios da cota C de açúcar que é exportada a preços de mercado internacional (cota A se refere ao mercado interno e a cota B, ao mercado externo com subsídio declarado), o que significa receita potencial para o Brasil entre US\$400 milhões e US\$800 milhões anuais⁹.

Outra frente de expansão está no aproveitamento do bagaço para fins energéticos e venda no mercado às distribuidoras de energia. Do potencial de produção, estimado em 3.852 MW para São Paulo, o aproveitamento recente ainda é muito baixo, sendo comercializados apenas 460 MW, ou seja, 11,9% desse potencial¹⁰.

As evidências levantadas demonstram que a principal explicação do baixo aproveitamento estaria na ausência de coordenação entre os co-geradores de energia via bagaço de cana e o governo. Este argumento foi reforçado pela apresentação da política energética em junho deste ano¹¹.

O interesse governamental em apoiar essa produção de energia tem a ver com a necessidade de proporcionar aumento de oferta na região centro sul do País - onde se localiza o **Sistema Interligado Sudeste/Centro-Oeste** -, de forma complementar, bem como para suprir deficiências hídricas provocadas pelo menor regime de chuva (maio-novembro), que coincide com a época de moagem da cana nessa região.

A política energética brasileira passa a garantir as seguintes condições: a) inserção do bagaço de cana como importante fonte primária de energia; b) comercialização de energia gerada pelo bagaço nos leilões de energia; c) financiamento governamental; d) incentivo através de isenções tributárias; e por fim e) garantia de remuneração adequada por parte do marco regulatório para a comercialização.

Outra possibilidade é a venda ao chamado mercado livre, no qual se pode comercializar a qualquer momento a energia co-gerada, não dependendo dos leilões do mercado atacadista de energia.¹² O cenário esperado é de preços ao produtor no patamar de R\$130 a R\$140 o MWh, dada a falta de investimento em geração de energia e de uma expectativa a médio prazo de aumento de demanda.

Complementarmente à co-geração de energia via bagaço de cana, ainda pode aproveitar-se das oportunidades criadas no Protocolo de Kyoto, com o mercado de carbono. É previsto um volume de negócios em torno de US\$110 milhões anuais, à base de US\$5 a tonelada de carbono. A utilização de tecnologia (BIG/GT) instalada numa planta típica de unidade industrial de tamanho médio pode aumentar a eficiência da co-geração de energia, chegando a um potencial de produção de 291 KWh/t de cana e uma redução, em CO₂ equivalente, de 151 kg CO₂/t de cana¹³.

A partir desse panorama de crescimento de demanda por álcool, açúcar e energia de co-geração, é prevista¹⁴ a construção entre 25 e 30 novas unidades industriais. Se elas tiverem tamanhos de plantas iguais à média das usinas paulistas, que moem em torno de 1,5 milhão de toneladas-ano de matéria-prima, a necessidade de área colhida de cana deverá variar entre 470 mil e 570 mil hectares (considerando rendimento médio de 80t/ha). Deverão

concentrar-se no noroeste de São Paulo (regiões de São José do Rio Preto, Araçatuba e Presidente Prudente), gerando também por volta de 30 a 40 mil postos de trabalho.

As oportunidades criadas por esse cenário de desenvolvimento setorial trazem perspectivas otimistas em termos de geração de emprego e renda, de recolhimento de impostos e de geração de divisas. Ressaltem aspectos relativos às necessidades (a) de avaliação mais aprofundada e (b) de investimentos privados.

O primeiro aspecto é relativo à expansão e concentração de usinas na região noroeste do Estado¹⁵. Seus impactos econômicos, sociais e ambientais precisam ser avaliados com estudos rigorosos para gerar informações equilibradas concernentes a políticas públicas.

O segundo aspecto refere-se à ênfase mais do que justificada aos desdobramentos relativos à exploração do mercado de energia, fruto da co-geração de bagaço, e ao mercado de carbono, cujos investimentos deverão ser uma fonte de renda tão importante quanto a produção de açúcar e de álcool. Também poderão ser fonte de financiamento internacional, ambas contribuindo para aumentar a competitividade desse segmento econômico.

Referências

¹ IEA, Estatísticas de Comércio Exterior, 2005. www.iea.sp.gov.br

² ÚNICA. **Indústria do Açúcar e do Álcool em São Paulo**: Avaliação dos impactos da redução do ICMS no álcool hidratado e visão prospectiva da participação do produto na matriz energética, 2004 (mimeo).

³ Tsunehiro, Alfredo et al, Valor da Produção Agropecuária do Estado de São Paulo em 2004. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, no. 4, abri. 2005

⁴ Veiga Filho, et al. Ocupação e emprego no setor sucroalcooleiro paulista. **Anais** do XLI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Juiz de Fora/MG, CD-ROOM, 27 a 30 de julho de 2003.

⁵ Baptistella, et al, 2005 População trabalhadora no rural paulista em 2004. IEA, publicado em 29/05/2005. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=2187>

⁶ **Anfavea**: www.anfavea.com.br/carta da anfavea, agosto, 2004.

⁷ Nascimento, Diana. Corrida pela célula a combustível brasileira. Ribeirão Preto, **IdeaNews**, ano5, no.57, julho de 2005.

⁸ Deve-se ter clareza de que uma das principais montadoras japonesas, a Toyota, inclusive com relevante participação no mercado americano, tem como produto estratégico a venda de veículos híbridos, que utilizam gasolina e energia elétrica, e que pode ser uma alternativa importante na nova matriz energética mundial, junto com a célula a combustível, este representando o novo paradigma mundial de utilização de energia em veículos automotores, o que colocaria um freio à expansão do álcool, ou no mínimo, definiria sua participação como residual no mercado mundial de combustíveis.

⁹ Carvalho Eduardo.P. Aos adversários, a lei. **Única** (<http://www.portalunica.com.br>), 2005, acesso em 12/09/2005.

¹⁰ Escobar, Marcos. Viabilidade econômico-financeira da energia co-gerada do bagaço de cana in natura. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.33, n.9, set. 2003.

¹¹ Roussef, Dilma. A nova política pública de energia. **Palestra** apresentada no Seminário Projeto de Inserção da Bioeletricidade na Matriz Energética, COGEN/SP – Associação Paulista de Co-geração de Energia, Ribeirão Preto, 15 e 16 de junho de 2005.

¹² Escobar, Marcos. Comercialização de Energia. **Palestra** apresentada no Seminário Alternativas Energéticas a partir da Cana-de-Açúcar. Piracicaba, CTC – Centro de Tecnologia Canavieira, 31 de agosto e 01 de setembro - <http://www.ctc.com.br>.

¹³ Macedo, Isaias de C. Impacts on the atmosphere, in Hassuami, Suleiman, J. et al. Biomass power generation: sugar cane bagasse and trash. **Série Caminhos para a sustentabilidade**. Piracicaba. CTC, CD-ROM, 2005.

¹⁴ Nascimento, Diana. Quantas novas usinas realmente se instalarão no Brasil nos próximos 3 anos. Ribeirão Preto, **IdeaNews**, ano 5, no. 57, julho de 2005.

¹⁵ Demanda de trabalho captada no Pólo Regional da Alta Paulista (sede em Adamantina), uma das frentes de expansão de instalação de usinas.